

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

DICIONÁRIO
DO
FOLCLORE BRASILEIRO

POR

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO



RIO DE JANEIRO — 1954

crim, manjeriço, malva rosa, malva branca, manjerona e vassourinha. As plantas são fervedas e a água servida tépida. Depois faz-se uma fricção rápida de aguardente de cana” (94, Rio de Janeiro, 1937). O banho-de-cheiro se diz *ariaxé* no idioma nagô e é ritual na feitura das *filhas-de-santo* e mesmo para fixar o santo, *assentá-lo* no seu fetiche material. Manuel Querino (70, *COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL*) informa sobre o banho-de-cheiro das candidatas a *filhas-de-santo*: “Em seguida, procede à colheita das ervas preciosas, que são de vinte e uma espécies diferentes; e o banho há de conter dezesseis fôlhas de cada qualidade. Acontece, às vêzes, que esta porção não é suficiente para o efeito desejado; neste caso, aumenta-se a quantidade de fôlhas até que produza resultado. Concluído o banho, a iniciante fica privada de qualquer ação consciente, ignorando dali por diante tudo quanto se lhe passa em tórno”.

BANTOS — Grupo de cêrca de cinqüenta milhões de homens na África Central e SE, falando duzentas e setenta e quatro línguas e dialetos aparentados. Banto é família lingüística e não etnográfica ou antropológica. O domínio de Portugal na Guiné, Angola e Moçambique facilitou a exportação escrava em grande massa para o Brasil, onde o negro de Angola era sinônimo de cativo e a popularidade banto se afirmou, desde o séc. XVII, nas agremiações e irmandades de Nossa Senhora do Rosário, onde êles dirigiram e defenderam suas festas sob a égide católica. Guiné se tornou a fonte única da remessa negra mesmo para os documentos oficiais. Estudando êsse vocábulo, Cândido Mendes de Almeida (*ORDENAÇÕES DO REINO*, nota ao parágrafo 7, título XVII, Livro IV) informava: “Esta expressão compreendia todos os países da África que outrora abasteciam o mercado do Brasil de escravos.” Durante muitos anos os historiadores davam aos bantos quase a totalidade da influência religiosa, nos costumes e superstições do povo brasileiro. Quando foram enviados para a América do Sul os bantos tinham elementos fortes da cultura árabe e por êsse intermédio lendas, mitos, tradições orientais vieram nas suas memórias. Os negros do Congo tiveram permissão para elegerem um rei e uma rainha, coroados com fausto, dentro das igrejas e visitados pelo povo. Êsses soberanos percorriam processionalmente as ruas da cidade, acompanhados de música e danças. Em 1943 assisti a um desses préstitos na cidade de Jardim do Seridó, Rio Grande do Norte e há semelhantemente na cidade do Caicó, no mesmo Estado. As congadas

ou congos recordavam a rainha Ginga de Angola e suas andanças guerreiras e um dos maracatus mais antigos e bonitos do Recife, em Pernambuco, é o de Cabinda Velha. Angola e Congo ainda são as denominações mais conhecidas como *terras de negros*. Trouxeram os bantos muitos elementos etnográficos e folclóricos ou reforçaram os existentes com sua participação entusiástica e a predileção viva pelo canto e pela dança coletiva. Certo que os indígenas possuíam êsse encanto pelas danças-de-roda, instrumentos de sôpro, cantos, mas o negro valorizou essas “constantes” no seio da sociedade em formação. A maioria brasileira conheceu de perto ao escravo negro e dêle recebeu cantigas, ritmos, *estórias*, assombrações e não do indígena, afastado e anulado depressa. Não é privativo e originário do africano tudo quanto recebemos por seu intermédio mas, indubitavelmente, foi um repercussor poderoso e decisivo, logo depois do português. Jogos ginásticos como a chamada *capoeira* (Angola) e o complexo etnográfico do “samba”, agora com centos de danças aglomeradas sob êsse nome, são dádivas ou difusões que tivemos dos bantos. Tomou parte vivíssima nos nossos autos, alguns de modelo clássico europeu, como os pastoris, lapinhas, cheganças de cristãos e mouros e mesmo o marujadas, chamado no Nordeste “fandango”, representando os papéis humildes ou vistosos, mas sempre de impagável realce pessoal na alegria de sua insubstituível cooperação. As danças-de-roda são universais e milenárias, para que possamos apontar o africano como responsável. Curt Sachs (*HISTOIRE DE LA DANSE*, 50, Paris, tradução de L. Kerr, 1938): “*L’Europe du premier âge de la pierre nous fournit un exemple de cet ordre dans le style franco-cantabrais; dans la caverne de Tuc d’Audubert (Ariège), on a trouvé sur le sol des traces de talons formant um cercle; l’on prétend y voir des empreintes de pas de jeunes garçons et de jeunes filles*”. Como exemplo sincrético na aculturação de ritos religiosos tornados ao alcance da representação popular, sem as iniciações que dão às religiões negras aquêlê aspecto de hierarquia e mistério sedutor, temos na Bahia os chamados “candomblés de caboclo”, mistura afro-ameríndia que também reaparece na pajelança amazônica, na macumba do Rio de Janeiro e nos catimbós do nordeste, norte do Brasil. O papel do *quimbanda*, *embanda*, *banda*, feiticeiro, pai-de-santo, correspondendo ao babalaô ou babalorixá jeje-nagô, ou ao pajé, paié dos tupis-guaranis ou ao bruxo, feiticeiro, dos brancos, viveu e vive no Brasil sua missão secreta de religião dispersa, dia a dia mais ampla e mais assimiladora de elementos hetero-

gêneos, numa interdependência que findará pela unidade incaracterística. Há influência idiomática na linguagem comum, especialmente no valor prosodial e na toponímia nacional. Artur Ramos (*AS CULTURAS NEGRAS NO NOVO MUNDO*, Rio de Janeiro, 1937, 326) informa que os tambores de origem angola, conguese não têm o couro distendido por cordas de cunhas, com fabricação mais simples. Menciona os grandes *tambus* e os pequenos *candongueiros*, os *ingonos*, *angomba*, *angoma*, tambores usados nos batuques comuns e a *puíta* ou *cuíca*, popularíssima além do melancólico berimbau-debarriga, o *urucungo* soturno, ainda visível em certas feiras ou acompanhando as peripécias do jôgo da *capoeira*, entre os negros e mestiços da Bahia. A *capoeira* pernambucana, paraibana, norte-rio-grandense, do Ceará e Piauí, não tem acompanhamento instrumental ou vocal. Nas *estórias* orais há o ciclo do Quibungo, espécie de ogre, papão peludo e negro, antropófago. É um ciclo quanto ao número de episódios mas já eivado de influências clássicas européias, e não se irradiou além da Bahia litorânea, capital e recôncavo (Luís da Câmara Cascudo, *GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS*, "O Quibungo"). São bantos os préstitos do maracatu (de nome possivelmente tupi) vistos no carnaval de Pernambuco e que recordam os desfiles dos soberanos coroados nas festas do Rosário.

BANZÉ — Banzé-de-cuia, uma das danças do bailado "Moçambique" em Minas Gerais, São Paulo e Brasil Central. Na cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, havia, até a primeira década do século XX, o zambê, possivelmente a mesma dança, independente. Era o "samba". Vêr ZAMBÊ.

BARADABÁS — Dança de Campos, Estado do Rio de Janeiro, pertencente à quadrilha MARIA-CHICA.

BARALHO — Significa confusão, tumulto, luta. "Não lhe deixariam prender D. Jorge em baralha", escreve Fernão Lopes de Castanheda (*HISTÓRIA DA ÍNDIA*, VII, cap. 60). Foi o nome dado em Portugal ao "jôgo de cartas". NO *CÔRTE NA ALDEIA*, Rodrigues Lôbo (Diálogo 1.º) dizia: "O voto é que se jogue com tôda a baralha". É de origem oriental, conhecido por árabes, chineses, hindus. Numa crônica de Giovanni de Juzzo de Cavelluzzo, conservada nos arquivos de Viterbo (província de Roma), há uma informação decisiva: "No ano de 1379 foi introduzido em Viterbo o jôgo de cartas, que veio do país dos sarracenos, e denominado por eles *naïb*". *Naïb* é chefe, capitão, dirigente. Sua expansão foi prodigiosa.

Em Paris, numa *ordonnance* do Prévôt, em 22 de janeiro de 1398, proibia-se jogar cartas nos dias comuns. Os baralhos eram pintados a mão e valiam muito. Em 1392 o rei Carlos VI mandava o seu "argentier" Charles Poupart pagar 56 soldos "parisis" a Joaquim Gringonneur, pintor, "*pour trois jeux de cartes à or et diverses couleurs, de plusieurs devises, pour porter devers ledit seigneur pour son esbattement*". As gravuras em madeira e depois a impressão metálica espalharam o baralho abundantemente. Da Itália passou para a Alemanha, que se tornou centro de exportação. Da França e da Itália veio para Portugal, se êste não o teve pela mão do castelhano, que o conhecera dos árabes. No século XVI jogava-se imensamente em Portugal, e Gil Vicente, no *AUTO DA FEIRA*, indica o caminho das cartas, então chamadas *naipes*:

"E trago de Andaluzia
Naipes, com que os sacerdotes
Arrenegam cada dia,
E joguem té os pelotes."

As cartas maiores ou nobres eram os reis, damas e valetes, *rois, reines e valets*. Os quatro reis eram representados por David, Alexandre, César e Carlos Magno; as rainhas por Palas (Minerva), Argina, Raquel e Judite; os valetes, Heitor (um dos oficiais de Carlos VII), Ogier (Ogier le Danois, famoso cavaleiro andante), Lancelot (Lancelote do Lago, da Távola Redonda) e Lahire (nome de guerra de um gentilhomem de Carlos VII, Etienne de Vignolles). E assim vieram até o século XVII. Antes, naturalmente, variavam em forma e expressão. Os naipes tiveram significação simbólica. Copas, de *coeurs*, o clero; espadas, *piques*, lanças, nobreza; paus, *trèfles*, trevo, o povo; paus, o trabalhador; ouro, *carré*, losango dourado, o comerciante, o burguês, traficante. Num auto de Antônio Prestes, em meados do século XVI, *AUTO DO MOURO ENCANTADO*, vemos que já em Portugal diziam ouro, copas, paus, espada, rei, sota (pela rainha, que chamamos dama) e conde (pelo atual valete, também denominado "cavalo"). Valete é servo e o cavalo era símbolo de cavaleiro (ver CAVALO). No século XIX os nomes das figuras nobres eram sota, cavalo e rei. "Vive da orelha da sota" ou "não larga a orelha da sota" eram sinônimos de jogador inveterado. A variedade dos jogos de cartas (ver JOGOS DE BARALHO) quase responde pela impossibilidade de registá-los. CARTOMANIA. Adivinhação pelas cartas. Muito popular desde o século XVI. Servem-se de 32 cartas comuns. As copas e os paus são geralmente bons e felizes. Copas e ouros anunciam pessoas louras. Paus e espadas, morenas.

No Recife o povo denominou "Campina do Bode" a um largo que, há poucos anos, teve o nome oficial de "Praça Sérgio Loreto".

BODOQUE — Arco com duas cordas de linho, paralelas, com uma pequenina rêde entre elas, defronte da empunhadura. No velho Portugal se chamava bodoque às balas de barro, que eram atiradas com a *besta de bodoque*. Usavam-no comumente no Brasil como instrumento de caça aos pássaros e animais de menor porte. Está quase desaparecido no litoral, mas ainda é encontrado no interior, arma privativa das crianças que a fabricam. Nunca vi um bodoque vendido em casa de negócio. Todos, em quatro Estados do nordeste, eram resultado de trabalho pessoal de meninos e por êles vendidos ou permutados. Fazem as balas de bodoque com barro sêco, mas, dando muito cansaço, substituem-nas pelas pedrinhas ou sementes rijas.

BOI — Pelas regiões da pecuária vive uma literatura oral louvando o boi, suas façanhas, agilidades, fôrça, decisão. Especialmente no Nordeste, onde outrora não havia a divisão das terras em cêrcas de armas, modificando a fisionomia social dos agrupamentos, motivando uma psicologia diversa, os bois eram criados soltos, livres, nos campos sem fim. Novilhos eram *beneficiados*: ferra, assinalação na orelha, castração. Cada ano os vaqueiros campeavam o gado para a apartação, separando-se as boiadas segundo os ferros e a inicial da ribeira, impressa a fogo na coxa. Alguns touros e bois escapavam ao cêrco anual e iam criando fama de ariscos e bravios. Eram os barbatões invencíveis, desaparecidos nas serras e várzeas, bebendo em olheiros escondidos e sesteando nas malhadas distantes. Vaqueiros destemidos iam buscar êsses barbatões, com alardes de afoiteza e destemor. Vêzes, o boi escapava e sua fama crescia pela ribeira. Cantadores encarregavam-se de celebrar suas manhas, velocidade e poderio. Outros cantadores levavam, cantando, êsses versos para outras regiões. O boi ficava célebre. Um dia, inesperadamente, um vaqueiro ou um grupo surpreendia-o, corria horas e horas em seu encaço, alcançando-o, derrubando-o, pondo-lhe a máscara e trazendo-o, ao grito do aboio vitorioso, para o curral. Como não era possível conservar êsse animal fugitivo e feroz, abatiam-no a tiros, aproveitando a carne. Novas cantigas narravam sua captura, a derradeira batalha e o sacrifício. Nalguns versos o boi era transfigurado, tornava-se gigantesco e o cantador, humoristicamente, fazia a divisão dos melhores e piores pedaços com as pessoas conhecidas da redondeza. Bois, touros, novilhos, vacas, o ciclo do gado, possuem sua gesta

gloriosa. O boi Barroso nos pampas do Rio Grande do Sul possui suas réplicas em todo nordeste pecuário, versos que atingem aos fins do séc. XVIII, em quadras, sextilhas sôltas ou na forma abecedária immortalizam essas aventuras. Sílvio Romero (*CANTOS POPULARES DO BRASIL*) registou o Rabicho da Geralda, o boi Espaço (versão do Ceará e outra de Sergipe), a vaca do burel, o boi Surubim, o boi Prata; Pereira da Costa (*FOLCLORE PERNAMBUCANO*), o boi Espaço, vaca do burel, o boi Liso; Gustavo Barroso (*AO SOM DA VIOLA*), o boi Moleque, o boi Misterioso, o novilho do Quixelô; Rodrigues de Carvalho (*CANCIONEIRO DO NORTE*), Rabicho da Geralda, o boi Vitor, o boi Pintadinho, o boi Adão; A. Americano do Brasil (*CANCIONEIRO DE TROVAS DO BRASIL CENTRAL*), décima do boi, variante do boi Surubim, boi Amarelo, boi Chita; Luís da Câmara Cascudo (*VAQUEIROS E CANTADORES*), ciclo do gado, vaquejadas e apartações, gesta de animais, solfa do boi Surubim, romance do boi da mão de pau. **BOI SANTO**. Em 1900 o padre Cícero Romão Batista (1844-1934), por quem havia nos Estados do nordeste verdadeiro fanatismo entre o povo sertanejo, recebeu um novilho zebu de presente e mandou-o para uma sua propriedade no município do Crato, Ceará, "Baixa Dantas", a cargo de um seu servidor, o negro José Lourenço. Êste, encantado pela beleza, mansidão (o zebu tinha o nome de "Mansinho") e não conhecendo outro tipo de animal semelhante, ficou impressionado e fazia promessas e orações ao touro. Uma vez prometeu um feixe de capim verde, em plena sêca, e ao pagar a promessa, trouxe capim furtado. "Mansinho" recusou comer a promessa e mugiu como se admoestasse ao negro. José Lourenço convenceu-se de que o espírito do seu *padrinho padre Cícero* podia, vez por outra, atuar no corpo do zebu e dedicou ao bicho devoção inteira. Com o passar dos anos, o culto espalhou-se e "Mansinho" virou boi Ápis, comendo em manjedoura enfeitada, de fitas nos chifres, cauda, testículos, rosários, terços, bentinhas, estampas de santos. Serviam ao touro papas, bôlos, mingaus, fazendo carícias e promessas. Excremento e urina eram remédios decisivos contra várias moléstias, e comprados em pequeninas doses, em preços altos, ao *beato* José Lourenço, o sacerdote do **BOI SANTO**. Fragmentos dos cascos e chifres, fios da cauda eram amuletos poderosos, guardados em saquinhos ao pescoço. O deputado Floro Bartolomeu da Costa (1876-1926) chefe político no Juazeiro, onde residia o padre Cícero, convenceu ao reverendo que o **BOI SANTO** estava sendo poderoso demais. "Mansinho" foi vendido e



BOI DE CARGA — Várzea do Apodi. Rio Grande do Norte.

morto, em 1921, no Juazeiro, com grande desolação dos devotos, especialmente de José Lourenço (Vide PENITENTES). Sobre o BOI SANTO ver Floro Bartolomeu, *JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO*, 96-100, Rio de Janeiro, 1923; M. Dinis, *MISTÉRIOS DO JUAZEIRO*, 71, 149, Juazeiro, 1935; Lourenço Filho, *JUÁ-*

ZEIRO DO PADRE CÍCERO, cap. VIII, S. Paulo, s. d. Boi do Divino. Ver ESPÍRITO SANTO, e BUMBA-MEU BOI.

BOI-DE-FITA — “Dos bois que deverão correr, o maior, o mais corredor, o mais gordo, o mais bonito, não se apanha pela cauda. Nas

TORRADO

nato Almeida, *HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA*, 44). TURI, *turiya*, turizeiro, árvore que no Amazonas dá os fachos e tochas para a iluminação das festas indígenas.

TORRADO — Rapé, tabaco em pó para aspirar, tabaco de caco. Dança pernambucana que Pereira da Costa (*VOCABULÁRIO PERNAMBUCANO*, 713) descreveu, popular no Recife em 1915, citando o *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, n.º 204: “Esse torrado é uma cousa pavorosa. É mais do que um frevo. Para dançá-lo (gente afeita a samba e seus compostos) todos se reúnem, homens e mulheres, em lugar mais ou menos escasso às vistas de gente séria... Faz-se uma gritaria confusa, que obedece a uma toada interminável, seguida por meneios e gestos obscenos de gente que constitui uma numerosa roda. Como no samba, há umbigadas e outros passos obrigados. O TORRADO, porém, se diferencia do samba pelo passado da pitada. É por isso que só pode ser dançado por pessoas do chuí.”

TOTÓ — O mesmo que cocó, coque, pirote, penteado feminino, caracterizado por um enrolhado de cabelos, um pouco acima da nuca. Rodete em Espanha. *Tutulus* em Roma.

TOUCINHO — Brincadeira de crianças: pancada que se dá com a mão espalmada, na batata da perna, para produzir a flexão dos joelhos do menino. Obs. Se o garoto flexiona a perna, diz-se que “não come toucinho” e vice-versa. (Édison Carneiro, *A LINGUAGEM POPULAR DA BAHIA*, 53, Rio de Janeiro, 1951).

TOURINHAS — Bluteau e seu continuador brasileiro Morais registaram a Tourinha em Portugal: “Jôgo, espetáculo onde se toureavam novilhas mansas, e talvez arremêdo delas, fingindo-se toiros de canastras com cabeças fingidas; os judeus costumavam dar êste divertimento aos reis, quando iam às terras onde havia judiarias.” Deve haver engano quanto à participação dos judeus nas tourinhas citadas. Para os israelitas “Tourinhas” eram volumes da Tora, do Pentateuco, em menores dimensões, envolvidos em brocados e panos finos e, com êles nas mãos, à entrada das vilas, onde podiam residir, recebiam os reis, por ocasião das visitas. As outras TOURINHAS eram os mesmos TOUROS DE CANASTRA, touros de fingimento, armações de vime, disfarçadas com coberturas de côr, tendo um homem pelo lado de dentro, movimentando-as, atirando-se aos rapazes que se esquivavam aos gritos, imitando sem perigo a tourada verdadeira. Aí estava, pois, em Portugal, um dos elementos vivos do bumba-meu-boi, vadio e folgazão, independente do pomposo *BOEUF GRAS* francês e do lírico *MONÓLOGO DO VAQUEIRO*, de Gil Vicente.

TOURO ENCANTADO — Na praia dos Lençóis, entre os municípios de Turiaçu e Cururupu, no Maranhão, nas noites de sexta-feira, não havendo luar, aparece um grande touro negro com uma estrêla resplandecente na testa. Quem estiver na praia será tomado de pânico irresistível. Quem estiver no mar ouvirá o canto das *açafatas*, entoadado do fundo das águas, onde está a cidade encantada del-rei Dom Sebastião. Quem tiver a coragem de ferir o touro na estrêla radiante, vê-lo-á desencantar-se e aparecer El Rei D. Sebastião. A Cidade de São Luís do Maranhão submergir-se-á totalmente, e diante da praia dos Lençóis emergirá a Cidade Encantada, onde o rei espera o momento de sua libertação. Na praia dos Lençóis é proibido pelos pescadores levar-se qualquer recordação local, que tenha sido colhida na praia ou nágua do mar, conchas, estrêlas, búzios, algas secas, etc. Tudo pertence a El Rei D. Sebastião e é sagrada sua posse (informação de Erasmo Dias, S. Luís do Maranhão). Ver **SEBASTIANISMO**.

TRAÇADO — *Cock-tail*, mistura de bebidas. Comumente, aguardente com vermute. Rio de Janeiro.

TRACUÁ — Formiga do gênero “Asteca”, que dizem ter a propriedade de fabricar certa substância de que os índios e seringueiros usam para manter o fogo em isqueiros. Pavios. Amazônia. Do tupi *taia* queimante, *cuara* buraco, referência à picada terrível da formiga. (Alfredo da Mata, *VOCABULÁRIO AMAZONENSE*, 295, Manaus, 1939).

TRAIÇÃO — “Traição, leitor, é uma espécie de muxirão, que se realiza em certa região do interior goiano. Quando os vizinhos percebem que alguém está precisando dum auxílio na roça, reúnem-se todos da redondeza, homens e mulheres, e de madrugada chegam de sopetão na sua casa. E debaixo de cerrada descarga de claviotes e bacamartes, no meio duma algazarra wagneriana, acordam o “atraçoado”. Pôsto isso, dirigem-se os homens para a roça, ficando então as mulheres, umas fiando algodão e outras preparando o almôço, para o que já levam o necessário, a fim de não trazer muita dificuldade ao dono da casa, que não os esperava. O jantar é por conta do “atraçoado”. E de manhã à tarde, trabalham cantando e disputando serviços de oito em oito:

Eu sou passarinho,
Eu sou sabiá,
Eu quero fazê meu ninho
No fundo do teu quintá,
Da limeira no gainho
Pra podê te namorá.

À noite, segue-se o catira, que vai até o amanhecer do dia seguinte." (Derval de Castro, *PÁGINAS DO MEU SERTÃO*, 56-57, São Paulo, 1930).

TRAÍRA — Traíra (*Holpias malabaricus*, Bloch, *Erythrinus erythrinus*, L). Vive muito na literatura oral, imagem de comparação para mulher malcriada ou menino glutão, morrendo pela bôca como traíra. "A traíra é dos peixes de água doce o que está mais largamente distribuído através da grandeza territorial das Américas. Encontrada, como é, desde o Prata até o México, é ela o peixe que venceu as maiores dificuldades de adaptação, espalhando-se prodigiosamente. A traíra conta com uma resistência física privilegiada, capaz de afrontar as maiores vicissitudes das regiões que passa a habitar: vencendo o frio mais intenso (metendo-se no lôdo), suportando o mais abrasador calor (subindo à tona d'água), cria o seu *habitat* ao cabo de alguns anos." (A. Couto de Magalhães, *MONOGRAFIA BRASILEIRA DE PEIXES FLUVIAIS*, 209, São Paulo, 1931).

TRANÇA — Jôgo ou folguedo da trança é um divertimento ligado aos reisados do Natal e Ano Bom. Cantavam em Laranjeiras, Sergipe, segundo Sílvio Romero: "O FOLGUEDO DA TRANÇA é um apêndice dos reisados do Natal e Ano Bom. À casa, onde vão cantar, mandam moças uma vara enfeitada, numa das extremidades da qual há um suporte que a faz conservar-se em pé e na outra estão prêsas dez longas fitas de côres diversas. A vara é colocada na sala e fica oculta por uma cortina. À hora aprazada, surgem dez moças, lindamente enfeitadas, cantando à porta da sala, pedindo licença para entrar. Correm, depois, a cortina e surge a vara com as longas fitas pendentes. Cada rapariga segura uma fita e vão cantando a fazer com elas uma complicada trança. Há sempre um grupo que faz de côro. A entrada cantam todos:

Senhora Dona da casa,
Doce creme de virtude,
Aqui está na vossa porta
A mais bela juventude.

Côro: Bote para fora
Queijo, caruru,
Vatapá, canjica,
Arroz e peru.

Viva o dono da casa,
Viva a nossa função,
O sincero das palmas,
A noite de São João.

Segue-se a cena da trança que é feita ao som destes cantos:

A nossa amizade
Vai sempre crescendo
Na trança de fitas
Que vamos tecendo...

(*Côro*) Viva o dono da casa.
Viva a nossa função,
O sincero das palmas,
A noite de São João.

Vamos tôdas juntas,
Correndo contentes,
Saudar as pessoas,
Que aqui estão presentes.

São cantos da roça,
São flôres agrestes,
São penas das asas
Dos anjos celestes...

Vão cantando, assim, versos mais ou menos adequados, e o respectivo estribilho, até findarem a trança" (Sílvio Romero, *HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA*, I, 163-165, Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1943). Na Venezuela êsse divertimento denomina-se SEBUCÁN e ocorre durante a Páscoa (*ONZA, TIGRE Y LEÓN*, n.º 66, Caracas, 1944):

*Aquí están los indiecitos
que vienen de Pariaguán,
vienen recogiendo cintas
pa tejer el sebacán.*

*El tejer el sebacán
es una facilidad,
en saberlo destejer
está la dificultad.*

Com o nome de PAU DE FITA é dançado na fronteira do Rio Grande do Sul e Sta. Catarina. Para a origem e expansão dêsse baile na Europa e continente americano ver Carlos Vega, *LAS DANZAS POPULARES ARGENTINAS*, "La Danza de las Cintas", I.º, 89-114, Buenos Aires, 1952.

TRAPICHE — Armazém de depósito de mercadorias. Nos séculos XVI e XVII trapiche era o engenho de fazer açúcar, movido pela tração animal, especialmente de bois.

TREPA-MOLEQUE — Grandes pentes ou marrafas de tartaruga ou marfim, finamente trabalhados, enfeitados de ouro ou prata, usados pelas senhoras pelos finais do séc. XVII, XVIII e segunda metade do XIX. Atingiam às vezes a trinta centímetros e são precisamente o que os espanhóis denominam *peinetas*, quase sempre sustentando as mantilhas de rendas ou "mantón de Manilla". Os Trepa-Moleques eram, alguns, verdadeiras jóias pelo acabamento e elegância. Como se elevavam, presos na parte posterior do cabelo penteado ou do totó ou cocó, dizia-se que um moleque de casa por êles poderia subir, dado o comprimento e largura. O mesmo que TAPA-CRISTO, porque não permi-